

# Deuses da Cidade e Divindades da Aldeia: O Viés Urbano nas Operações de Contrainsurgência

Eric Jardine

*“Os inimigos são os deuses da cidade, mas nós somos as divindades da aldeia<sup>1</sup>.”*

—Peng Xuefeng, estrategista comunista chinês

**A** HISTÓRIA MOSTRA QUE as insurgências de base rural têm frequentemente mais sucesso contra seus inimigos do que as que enfatizam as operações urbanas. Durante os primeiros estágios da Guerra da Argélia, nos anos 50, dois grupos insurgentes desafiaram os franceses: o Movimento pelo Triunfo das Liberdades Democráticas (MTLD), essencialmente urbano; e a Frente de Libertação Nacional (FLN), baseado nas áreas rurais. No decorrer do conflito, as pressões exercidas pelos franceses acabaram destruindo o MTLD. Em contrapartida, principalmente graças à sua organização e às suas profundas conexões no meio rural, o FLN resistiu às pressões das operações militares e acabou prevalecendo<sup>2</sup>.

As insurgências rurais não só costumam durar mais que as urbanas, como também têm tido grande sucesso contra adversários mais poderosos. A rebelião dos comunistas chineses contra o Kuomintang sofreu inúmeras privações nos primeiros anos da insurreição, quando estava concentrada nas áreas urbanas, mas obteve surpreendentes êxitos mais tarde, quando seu foco estratégico se voltou para as áreas rurais.

No Vietnã, a base do sucesso vietcongue contra os Estados Unidos foram as ações no âmbito rural — como foi o caso, também, da insurgência *mujahedin* contra a União Soviética, no Afeganistão. A atual insurgência do Talibã contra a Força Internacional de Assistência à Segurança também é predominantemente rural.

Ao contrário do foco rural das insurgências de sucesso, a maioria das operações de contrainsurgência enfatiza o controle das principais cidades e o emprego de operações voltadas ao meio urbano. Na Colômbia, por exemplo, “as Forças estatais frequentemente controlam os centros das cidades de médio e grande porte, onde estão situadas as sedes das prefeituras”, mas “a autoridade do Estado vai se desvanecendo” à medida que se adentra o interior<sup>3</sup>. Do mesmo modo, durante a resistência Vietminh aos franceses, um dirigente provincial observou: “O Vietminh tinha suas áreas, como a Planície dos Juncos, que nós simplesmente abandonamos. Podiam fazer o que quisessem [naquelas áreas rurais] e nós não os importunávamos”<sup>4</sup>. Em 2009, as Forças Armadas canadenses enfatizaram o emprego de meios na Cidade de Kandahar e entorno, no Afeganistão<sup>5</sup>.

A tendência a priorizar o ambiente urbano nas operações de contrainsurgência é preocupante, porque favorece a insurgência, que, de fato, a incentiva. Com táticas premeditadas de inquietação, “o governo é sistematicamente retirado do campo... É, assim, isolado da população” pelas Forças guerrilheiras<sup>6</sup>. Durante a Revolta Árabe de 1916 contra os turco-otomanos, por exemplo, T.E. Lawrence sugeriu que os insurgentes árabes “não deve[riam] tomar Medina [importante cidade na Arábia Saudita]. Os turcos eram inofensivos ali. Queríamos que eles permanecessem em Medina e em todos os outros locais afastados, com grandes efetivos”. Os contrainsurgentes turcos podiam ficar com as principais cidades e com os eixos viários”,

---

*Eric Jardine é doutorando na Escola Norman Paterson de Assuntos Internacionais e bolsista de pesquisa de doutorado no Centro de Estudos sobre Segurança e Defesa, na Carleton University, Ottawa, Canadá. É autor de trabalhos premiados*

*sobre as relações civis-militares e a condução de operações de contrainsurgência, com artigos publicados nas revistas Parameters, Small Wars Journal e The Journal of Military and Strategic Studies, entre outras.*



Comerciantes e consumidores lotam o mercado próximo ao Rio Cabul, em Cabul, Afeganistão, 28 Jul 09.

contanto que deixassem [aos insurgentes] os outros novecentos e noventa e nove milésimos do mundo árabe”<sup>7</sup>.

Essa contradição entre muitas operações de contrainsurgência e o foco rural das insurgências bem-sucedidas suscita duas questões: “O que leva a esse viés urbano nas operações de contrainsurgência?” e “Como ele influencia a condução das operações de contrainsurgência?” Ao respondermos a essas perguntas, chegamos à conclusão de que, *embora necessário, o controle de áreas urbanas não é suficiente para levar uma campanha de contrainsurgência a bom termo.*

### **Viés Urbano e Custo-Benefício**

A concentração das operações de contrainsurgência nas áreas urbanas decorre de uma visão míope, centrada em questões de economia e praticidade. Esse foco leva, muitas vezes, à falta de um planejamento coerente para as operações no ambiente rural.

Controlar a população local é o objetivo básico tanto do insurgente quanto daquele que se contrapõe a ele. Como disse Mao, sobre o relacionamento entre a população e a insurgência: “a primeira pode ser comparada à água e a segunda, aos peixes que a habitam”. Acrescentou: “Somente tropas indisciplinadas fazem da população sua inimiga e, tal como peixes fora de seu meio, não podem sobreviver”<sup>8</sup>. O Tenente-Coronel David Galula também defende que “a população, portanto, se torna o objetivo para o contrainsurgente, do mesmo modo que o é para o inimigo”<sup>9</sup>.

Evidentemente, o controle e o apoio político têm valores diferentes para um contrainsurgente. As Forças da contrainsurgência podem ter uma população sob controle e, mesmo assim, ocorrer que esta continue a desprezar suas ações e seus objetivos. Nas áreas controladas pela contrainsurgência, a população normalmente coopera ou pelo menos se submete a ela. Por outro lado, embora a maioria das pessoas possa simpatizar com os contrainsurgentes, muitos irão trabalhar ativamente ou passivamente para a insurgência, se as Forças legais não forem capazes de fornecer segurança<sup>10</sup>. Obter o controle é essencial, portanto. Contudo,

---

***A tendência a priorizar o ambiente urbano nas operações de contrainsurgência é preocupante, porque favorece a insurgência...***

“em última análise, o exercício do poder político depende do consentimento tácito ou explícito da população”<sup>11</sup>. Obviamente, conquistar o apoio do povo é algo benéfico para a saúde de longo prazo de um sistema político.

Na busca do objetivo de controlar a população, a mera preocupação com o custo-benefício pode levar os contrainsurgentes a voltar a atenção a locais com maior concentração populacional, ou seja, as áreas urbanas. De fato, como observou explicitamente o francês Roger Trinquier, teórico de contrainsurgência: “O Exército deve realizar seu maior esforço nas áreas onde a população é mais densa, isto é, nas cidades”<sup>12</sup>. Depois de 2009, o planejamento operacional canadense na Província de Kandahar passou a seguir a mesma lógica. Ao se concentrarem na Cidade de Kandahar e entorno, para cumprir sua missão, as Forças canadenses apostaram no controle de 75% da população da Província<sup>13</sup>.

Além disso, é mais fácil e econômico policiar centros urbanos do que controlar o vasto interior. O toque de recolher, por exemplo, pode separar os insurgentes urbanos da população passiva. Quando os insurgentes urbanos violam o toque de recolher para intimidar os moradores de uma cidade, sabotar obras do governo e atacar as Forças da contrainsurgência, é fácil identificá-los e restringir suas liberdades de reunião e de movimento. Como assevera Trinquier: “As

Forças de ordem podem facilmente vigiar todas as ruas de uma cidade com um mínimo de tropas. Qualquer pessoa encontrada fora de casa, à noite, é suspeita”<sup>14</sup>.

A Revolução Cubana bem demonstra como é relativamente fácil aos contrainsurgentes manterem o controle operacional e administrativo de áreas urbanas. De modo oposto à incipiente organização guerrilheira de Fidel Castro, que operava nas montanhas da Província de Oriente, os numerosos revolucionários urbanos de Cuba estavam mais bem organizados e contavam com muito mais recursos<sup>15</sup>. Entretanto, as greves, os distúrbios e os atos terroristas desses grupos, em Havana e em Santiago, no ano de 1958, provaram ser ações desastrosas, porque o governo de Batista mantinha o controle dos principais centros urbanos com facilidade. Os que participavam de atos de protesto ou de terrorismo, espionagem e sublevação tornavam-se prontamente visíveis para as Forças de segurança do regime. Em consequência, as várias organizações insurgentes urbanas sofreram sérias derrotas e se tornaram subordinadas ao movimento revolucionário rural de Castro. Principalmente por esse motivo,



Exército dos EUA, 2º Ten. Joel Sage

*Militares afegãos e estadunidenses distribuem agasalhos doados pelo grupo de voluntários Rapport Afghanistan, do Estado norte-americano de Minnesota, a crianças da área rural, aldeia de Charwazi, Afeganistão, 19 Abr 11.*



Castro afirmaria, mais tarde, que as áreas urbanas deveriam ser vistas como “o cemitério dos revolucionários”<sup>16</sup>.

A assistência à população nativa também é uma característica operacional central em uma campanha de contrainsurgência, particularmente quando um terceiro Estado poderoso intervém em nome do governo local. Entretanto, tal assistência tem, na maioria das vezes, um caráter extremamente fungível, ou seja, trocável. Alimentos, material de construção e outros recursos — dados à população local com o intuito de conquistar seu apoio — podem facilmente acabar nas mãos dos insurgentes. Portanto, fica claro que o controle efetivo da população beneficiária é um pré-requisito para uma assistência eficaz<sup>17</sup>. Como aponta Trinquier: “Não podemos perder de vista o fato de que a assistência material que proporcionarmos somente irá beneficiar o inimigo caso a organização que lhe permite controlar e manipular a população não tenha sido destruída. A ajuda material deve ser distribuída com prudência, enquanto a operação policial não estiver concluída”<sup>18</sup>.

Embora a ligação frequentemente estreita entre guerrilheiros e população seja um tema recorrente em quase todas as insurgências viáveis, o Vietnã oferece um interessante exemplo do efeito da transferência de bens sobre uma insurreição. Durante a resistência vietcongue aos Estados Unidos, os camponeses frequentemente forneceram mantimentos aos guerrilheiros porque as Forças da contrainsurgência não possuíam um grau suficiente de controle sobre a população, particularmente nas áreas rurais. Por exemplo, um guerrilheiro que esteve envolvido em uma sublevação em uma aldeia no Delta do Mekong afirmou: “Houve uma época em que eu mesmo vivia no mato, morrendo de sede e sofrendo privações de toda ordem. Quando eu aparecia, as pessoas choravam. Sentiam pena. Mas apenas nos preparavam algo e nos mandavam embora. Elas nos davam o suficiente para comer, mas não nos deixavam ficar em suas casas... Não obstante, esse apoio clandestino permitiu que a revolução organizasse a grande revolta de 20 Jul 60”<sup>19</sup>. Abastecida, sobretudo, com recursos fungíveis repassados pelos habitantes da área rural, a sublevação foi o início



Exército dos EUA

*O comandante da patrulha de segurança de uma equipe de reconstrução provincial, durante uma missão de levantamento para a engenharia na Província de Laghman, Afeganistão, 28 Ago 10.*

de uma prolongada insurgência em My Tho, que posteriormente contribuiu para a derrota final dos Estados Unidos.

A assistência só é eficaz quando ocorre dentro dos limites de uma área isolada, sob o firme controle da contrainsurgência. Muitas formas

---

**Alimentos, material de construção e outros recursos — dados à população local com o intuito de conquistar seu apoio — podem facilmente acabar nas mãos dos insurgentes.**

de assistência também requerem acesso direto aos beneficiários. Portanto, o caráter fungível da assistência acaba reforçando o foco urbano geral das operações de contrainsurgência. Como observou o Tenente-Coronel Simon Heatherington, comandante da equipe de reconstrução provincial de Kandahar: “As atividades de reconstrução foram relegadas às áreas urbanas, em grande parte devido à precariedade das condições de segurança”<sup>20</sup>. Da mesma forma, um funcionário da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (Canadian International Development Agency), que trabalhava na Província de Kandahar, observou: “Nosso maior desafio é a segurança. Praticamente todas as organizações não governamentais deixaram a Província em função da insurgência, com exceção de umas poucas áreas em ambientes urbanos, como a Cidade de Kandahar”<sup>21</sup>. Assim, considerando que a contrainsurgência só pode fornecer um ambiente de trabalho seguro em locais que ela controle, a distribuição de assistência pelos agentes humanitários tende a desenvolver-se nas áreas urbanas do teatro de operações, onde as operações de segurança dos contrainsurgentes são mais efetivas.

Os agentes humanitários não são os únicos propensos a aglomerar-se nos centros urbanos. Jornalistas, acadêmicos, defensores dos direitos humanos e outras figuras públicas também

costumam se concentrar nas cidades<sup>22</sup>. Essa tendência é recorrente tanto nas guerras internas quanto nas contrainsurgências. Durante a Guerra da Bósnia, por exemplo, a maioria dos jornalistas estrangeiros morou e trabalhou na capital, Sarajevo<sup>23</sup>. Do mesmo modo, apenas três grandes veículos da imprensa estadunidense — *Newsweek*, *Associated Press* e *Washington Post* — possuíam correspondentes no Afeganistão, em 2005. As agências dessas entidades estavam situadas na capital, Cabul<sup>24</sup>.

Essas figuras públicas têm uma influência desproporcional sobre como a campanha é retratada para o público nacional dos contrainsurgentes. A suposta aversão do público estadunidense a baixas e o desejo de que as tropas obedeam a padrões nacionais de legalidade e comportamento humanitário também são preocupações frequentes. A cobertura da imprensa e a disseminação de outras informações para o público podem influenciar fortemente a percepção nacional dessas questões. Satisfazer adequadamente a essa sede por informações é uma tarefa operacional essencial para a contrainsurgência. Como observa o Manual de Campanha 3-24 — *Contrainsurgência (FM 3-24 — Counterinsurgency)*: “O ambiente de informações é uma dimensão vital dessas guerras internas, e os insurgentes buscam moldá-lo a seu favor. Uma das formas por eles utilizada compreende a realização de atividades — como ataques suicidas — que talvez tenham pouco valor militar, mas que geram o medo e a incerteza... Essas ações são executadas para atrair a cobertura da grande imprensa ou publicidade local e para aumentar a percepção quanto à capacidade dos insurgentes”<sup>25</sup>.

Embora seja essencial controlar as informações recebidas pelas figuras públicas nos centros populacionais, isso reforça o viés urbano nas operações de contrainsurgência, ao valorizar a defesa passiva das áreas de maior concentração habitacional, normalmente à custa de um coerente planejamento operacional para as áreas rurais. A imprensa e as demais figuras públicas, nas áreas urbanas, provavelmente enxergarão os distúrbios dentro das cidades como um sinal do sucesso ou do fracasso na guerra em geral. Por esse motivo, apesar da relativa facilidade em obter o controle das áreas urbanas, as Forças contrainsurgentes tendem a manter meios em excesso, com o intuito de limitar a ocorrência de incidentes de segurança

nesses locais. Como observou Seth Jones, em 2002: “a Força Internacional de Assistência à Segurança — com seus 4 mil integrantes — não se aventurava fora da capital, com raras exceções. Seu objetivo era proteger o governo interino do Afeganistão e ajudar a prover segurança à capital”<sup>26</sup>. Assim, a necessidade de definir e controlar o ambiente de informações nas cidades gera uma força centrípeta, que puxa incessantemente o contrainsurgente de volta para elas.

Em suma, muitas razões se aliam para direcionar o planejamento operacional da contrainsurgência para as áreas urbanas. A concentração natural da população nas cidades reduz o custo das operações de segurança e proteção e oferece um foco claro no principal objetivo da contrainsurgência: a população. Por sua vez, o sucesso das operações de segurança e proteção aumenta a efetividade da assistência fornecida pelos contrainsurgentes, ao reduzir a transferência de recursos para a insurgência. Por fim, aspectos da política interna e a atual era de compartilhamento instantâneo de informações em âmbito mundial reforçam o foco urbano, porque os ataques insurgentes nessas áreas são, muitas vezes, vistos como sendo representativos do estado geral da guerra. Contudo, ainda que seja uma condição necessária para o êxito da contrainsurgência, o controle dos centros urbanos não será suficiente para que se obtenha sucesso final. Os contrainsurgentes dedicam grande esforço às áreas urbanas, mas o verdadeiro coração da guerra está, quase sempre, no campo.

### **Como o Viés Urbano Influencia as Campanhas<sup>27</sup>**

Para entender como um viés urbano influencia a condução de uma campanha de contrainsurgência, é preciso lembrar que a insurgência possui a iniciativa em termos de interações estratégicas<sup>28</sup>. Ao priorizar os ambientes urbanos em seu planejamento operacional — principalmente por questões de economia e conveniência —, a contrainsurgência expõe vários flancos vulneráveis aos insurgentes rurais mais atentos. De fato, essas vulnerabilidades são geralmente exploradas de maneiras surpreendentemente semelhantes entre si.

A maioria dos países na Ásia, África e Oriente Médio é predominantemente rural, embora o

Iraque seja uma evidente exceção<sup>29</sup>. Um viés urbano no planejamento operacional da contrainsurgência deixa, assim, a maioria da população de um país sob o domínio dos insurgentes. Essa é uma grande vantagem militar, logística e política para eles. Apenas cerca de 24% da população do Afeganistão, por exemplo, vivia em áreas urbanas, em 2008<sup>30</sup>. Com a concentração das operações nos grandes centros urbanos, cerca de 76% da população do Afeganistão foi deixada sob o controle dos potentados locais e dos grupos insurgentes. Esse é um fenômeno recorrente, que beneficia a insurreição. Como observou Mao Tsé-tung, em relação à contrainsurgência japonesa no norte da China, no final dos anos 30: “O inimigo só é capaz, na verdade, de controlar as grandes cidades, as principais linhas de comunicação e parte da planície, que podem representar a prioridade máxima, mas que constituem apenas a menor parcela do território ocupado, em tamanho e população, ao passo que a maior parte [do interior] será ocupada por áreas da guerrilha, que se espalharão por toda a parte”<sup>31</sup>.

---

***...a necessidade de definir e controlar o ambiente de informações nas cidades gera uma força centrípeta, que puxa incessantemente o contrainsurgente de volta para elas.***

A preferência por áreas urbanas também deixa a maior parte do território de um país para o inimigo, e suas características geográficas podem oferecer uma tremenda vantagem para uma insurgência. Áreas montanhosas, regiões densamente arborizadas e selvas fechadas ocultam a localização das bases insurgentes e permitem a utilização de táticas de guerrilha evasivas<sup>32</sup>.

A existência de um grande território onde os guerrilheiros possam operar é outra consideração geográfica importante. Sem espaço suficiente para conduzir operações de guerrilha, os insurgentes



Militares estadunidenses no teto de uma casa, observando o terreno próximo à aldeia de Daridam, na Província de Kunar, Afeganistão, 01 Jul 10.

acabariam tendo de travar uma batalha decisiva contra as mais poderosas Forças convencionais da contrainsurgência. O resultado seria, provavelmente, uma devastadora derrota militar para os guerrilheiros<sup>33</sup>.

Uma contrainsurgência voltada aos ambientes urbanos concentra suas patrulhas de segurança e ações militares em um território relativamente pequeno. O resultado previsível é um aumento da efetividade das operações de guerrilha da insurgência. Quando as operações de contrainsurgência enfatizam as cidades, os guerrilheiros podem recuar, fugindo do avanço das Forças de segurança, trocando território por tempo, até que o equilíbrio local de forças os favoreça. Em contrapartida, os contrainsurgentes conduzem grandes operações equivocadas, que não produzem nenhum resultado decisivo, enquanto os insurgentes inquietam suas patrulhas e destroem seus postos avançados e suas defesas passivas. Como afirmou T.E. Lawrence, quando provida de espaço para manobrar, uma insurgência pode verdadeiramente se transformar

em “uma influência, uma ideia, algo intangível, invulnerável, sem frente nem retaguarda, que paira como um gás”<sup>34</sup>.

Ao concentrar as operações nas áreas urbanas, o contrainsurgente também ignora um importante fato: as cidades não são autossuficientes em relação aos recursos materiais. Dependem de recursos e de linhas de transporte e comunicação que se estendem pelo interior. Os alimentos, os bens de consumo essenciais e até a energia elétrica são todos produzidos nas áreas rurais. Uma contrainsurgência que ignora essas realidades cede o coração do país para os insurgentes. Durante a resistência Vietminh aos franceses, a insurgência estabeleceu um bloqueio econômico nas áreas urbanas e, mais tarde, utilizou uma estratégia semelhante contra os Estados Unidos. Os Vietminh pretendiam subjugar à fome as Forças francesas entrincheiradas, mediante uma política de terra arrasada de “pomares infrutíferos e casas vazias”. Acreditavam, com razão, que conseguiriam incapacitar a contrainsurgência francesa se sitiassem as principais cidades por ela controladas<sup>35</sup>.



Quando a subsistência básica está em jogo, o poder normalmente reside nas áreas rurais, que produzem as principais culturas agrícolas e outros gêneros alimentícios. Caso esteja separada da maior parte da população, uma contrainsurgência externa será incapaz de recrutar uma quantidade suficiente de forças nativas para proteger o regime nascente. A insurgência que tenha o controle sobre o interior tem, assim, uma vantagem material quase insuperável. Durante a guerra dos *mujahedin* contra os soviéticos, por exemplo, “não eram as cidades, e sim as áreas rurais, a fonte do poder de resistência”<sup>36</sup>. Por sua vez, tendo concentrado esforços nas operações urbanas e negligenciado o planejamento operacional para o interior, “Cabul [e as Forças soviéticas] se viram impossibilitadas de aproveitar [os recursos humanos] das áreas rurais fora de seu controle, o que lhes deixou a possibilidade de recrutar apenas nas principais cidades”<sup>37</sup>.

Mesmo quando é praticável abastecer as cidades, a vulnerabilidade das linhas de transporte, suprimento e comunicações ameaça a viabilidade desse ambiente continuamente e isso acaba

reforçando o viés urbano dos contrainsurgentes. À medida que diminuem os recursos disponíveis, o incentivo para conduzir operações urbanas mais econômicas aumenta e as grandes operações rurais costumam ser descontinuadas. Como é de se esperar, a falta de segurança no campo leva, com frequência a um entrincheiramento de Forças nos centros urbanos e entorno. Durante a insurreição comunista na Grécia, “vários esquadrões móveis da polícia estavam sendo atacados com tanta frequência que foram obrigados a retirar-se para os principais povoados, deixando grande parte do interior sob o controle dos rebeldes”<sup>38</sup>. Da mesma forma, durante a guerra da União Soviética no Afeganistão, os comandantes da guerrilha perceberam que ataques contra as vulneráveis linhas de suprimento das cidades “teriam o benefício adicional de obrigar os soviéticos a dedicar uma proporção cada vez maior de homens a funções de segurança passiva”<sup>39</sup>. Enfim, a perda de energia elétrica, gêneros alimentícios e bens materiais gera a miséria urbana. A insatisfação cresce vertiginosamente, e o contrainsurgente fica propenso a adotar uma preferência ainda



Exército dos EUA. Sgt. Jes Smith

*Um militar estadunidense procura por dispositivos explosivos improvisados, durante uma missão de limpeza de itinerário na área rural perto de Tarin Kot, na Província de Uruzgan, Afeganistão, 03 Out 10.*



maior por operações urbanas, a fim de manter seu já debilitado controle. Por sua vez, esse entrincheiramento de esforços aumenta ainda mais a vulnerabilidade do contrainsurgente.

A guerra no Afeganistão oferece um interessante exemplo sobre a vulnerabilidade das linhas de suprimento aos ataques da guerrilha. Durante o combate contra a União Soviética, a liderança insurgente conhecia perfeitamente os pontos vulneráveis da pesada Força de contrainsurgência soviética e visou-os com grande sucesso, atacando linhas de suprimento por todo o interior e, mais tarde, nas grandes cidades. Como observam Ali Jalali e Lester Grau: “A presença soviética dependia de sua capacidade de manter as estradas abertas. Grande parte do combate soviético no Afeganistão consistia na disputa pelo controle da rede viária. Para manter a segurança da linha de comunicações do leste, os soviéticos precisavam de 26 batalhões para operar 199 postos avançados”<sup>40</sup>. De fato, entre 1985 e 1987, os *mujahedin* realizaram mais de 10 mil emboscadas contra os comboios soviéticos ao longo das vulneráveis linhas de comunicação do regime essencialmente urbano<sup>41</sup>.

Como observou um líder insurgente, a vulnerabilidade das cidades era bem conhecida:

Eu conhecia os pontos sensíveis do meu inimigo [os soviéticos]: a rodovia de Salang, as aeronaves em terra, o abastecimento elétrico, as represas, as pontes, os oleodutos e, no centro de tudo, Cabul... De minha parte, empenhei-me em coordenar ataques destinados a isolar Cabul dos suprimentos ou recursos fora da cidade. Isso envolveu emboscadas a comboios nas estradas para Cabul, a explosão de represas que lhe forneciam água ou o corte de linhas de transmissão de energia elétrica<sup>42</sup>.

Esses ataques contra as linhas de suprimento e transporte, a partir de áreas rurais, obrigaram as Forças contrainsurgentes a retirar-se para áreas defensáveis nos grandes centros urbanos e entorno. Como observou posteriormente um comandante do Serviço de Inteligência Interforças (o serviço de Inteligência paquistanês): “Essas táticas tiveram o efeito de criar uma profunda sensação de insegurança nas mentes dos soviéticos e dos afegãos, que reagiram com o emprego de uma quantidade cada vez maior de tropas em

serviço de segurança passiva [ao longo das linhas de suprimento, próximas aos grandes centros urbanos], reduzindo, assim, sua capacidade de organizar operações ofensivas”<sup>43</sup>.

Esse padrão, composto de linhas de suprimento vulneráveis, ataques insurgentes e entrincheiramento de Forças, talvez esteja se repetindo na atual contrainsurgência no Afeganistão. Os ataques frequentes às colunas de suprimento da OTAN e dos Estados Unidos, particularmente na fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, começaram a prejudicar a efetividade operacional dos contrainsurgentes. Entre junho e setembro de 2009, por exemplo, mais de 145 motoristas de comboios morreram em emboscadas, tendo os ataques insurgentes destruído 123 veículos<sup>44</sup>. Desde então, os ataques continuaram a aumentar tanto em frequência quanto em ousadia. O aumento de ataques insurgentes às vulneráveis rotas de suprimento no Afeganistão representa um verdadeiro desafio operacional para a contrainsurgência.

Mais de 80% dos suprimentos da OTAN e dos Estados Unidos chegam ao Afeganistão através da fronteira com o Paquistão<sup>45</sup>. A estrada de Cabul a Kandahar também é importante para a atividade insurgente. Imitando a estratégia que levou à captura de Cabul nos anos 90, o Talibã agora concentra seus esforços contra as linhas de suprimento urbanas dos inimigos — com uma efetividade cada vez maior<sup>46</sup>.

Em suma, parece que a ampliação das áreas de operações dos guerrilheiros, os ataques às linhas de suprimento vulneráveis e o bloqueio econômico das cidades são, de várias maneiras, o produto não intencional de uma decisão calculada da contrainsurgência de voltar sua atenção operacional para as áreas urbanas.

## Como Corrigir o Viés Urbano

Para começar a corrigir esse viés, a contrainsurgência deve primeiro repensar o valor relativo dos espaços rural e urbano. A capacidade de sobrevivência das grandes cidades é extremamente diferente em tempo de guerra.

Em tempo de paz, o poder político geralmente se encontra nas grandes cidades de um país. Os políticos tomam suas principais decisões nas cidades. Os impostos fluem do campo para as áreas urbanas, de onde os governos redistribuem

as verbas por todo o país. O mesmo se aplica à riqueza econômica, que tende a concentrar-se nas áreas urbanas. Em função do grande número de habitantes urbanos, a economia da maioria dos países abastece a população das cidades. As empresas de serviços, o comércio e outras indústrias rentáveis também costumam ser localizados nas cidades, porque os habitantes urbanos são ávidos consumidores dos produtos rurais.

Contudo, durante uma insurgência, as cidades se tornam a parte mais vulnerável de um país e o verdadeiro poder e capacidade política passam a ser encontrados no interior. Em tempo de paz, não existem obstáculos para a vida urbana. Os

alimentos são entregues sem impedimentos; a eletricidade é facilmente gerada e transmitida para o consumo; o tráfego de ida e volta para áreas urbanas é garantido e tranquilo.

Entretanto, à medida que vão se espalhando pelo interior, as ondas da revolução removem o poder das áreas urbanas, e o foco de autoridade e domínio passa para a área rural.

Assim, o conjunto das evidências apresentadas neste artigo sugere que, embora necessário, o controle das áreas urbanas não é suficiente para levar uma campanha de contrainsurgência a bom termo. E o principal ensinamento que podemos extrair disso é simples: a Força que controlar o interior controlará o Estado. **MR**

## REFERÊNCIAS

1. Estrategista chinês anônimo, citado em WOU, Odoric. *Mobilizing the Masses: Building Revolution in Henan* (Stanford: Stanford University Press, 1994), p. 222.
2. KALYVAS, Stathis N. *The Logic of Violence in Civil War* (New York: Cambridge University Press, 2009), p. 134.
3. FICHTL, Eric. "Araucan Nightmare: Life and Death in Tame", *Colombia Journal Online* (Aug. 2003), in KALYVAS. *The Logic of Violence in Civil War*, p. 135.
4. Citado em RACE, Jeffrey. *War Comes to Long An: Revolutionary Conflict in a Vietnamese Province* (Berkeley: University of California Press, 2010), p. 3.
5. JARDINE, Eric. "Urban Bias in Counterinsurgency Operations: The Historical Success of Rural Insurgencies", *On Track* 15, no. 2 (2010), p. 25-28.
6. AHMAD, Eqbal. "Revolutionary Warfare and Counterinsurgency", in CHALIAND, Gerard (ed.). *Guerrilla Strategies: An Historical Anthology from the Long March to Afghanistan* (Berkeley: University of California Press, 1982), p. 249.
7. LAWRENCE, T.E. *Seven Pillars of Wisdom* (London: Vintage Books, 2008), p. 232.
8. TSÉ-TUNG, Mao. *On Guerrilla Warfare*, trad. Samuel B. Griffith (Mineola: Dover Publications, Inc., 2005), p. 93.
9. GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (London: Praeger Security International, 2006), p. 52.
10. KALYVAS, *The Logic of Violence in Civil War*.
11. GALULA, p. 4.
12. TRINQUIER, Robert. *Modern Warfare: A French View of Counterinsurgency* (London: Praeger Security International, 2006), p. 83.
13. Essa porcentagem foi extraída dos dados disponíveis sobre a Operação *Kantolo*, constantes do site do CEFECOM: <<http://www.comfec.forces.gc.ca/pa-ap/ops/fs-fr/kantolo-eng.asp>>.
14. TRINQUIER, p. 38-39.
15. LAQUEUR, Walter. *Guerrilla Warfare: A Historical and Critical Study* (New Brunswick: Transaction, 1998), p. 333.
16. Ibid.
17. KEEN, David. *Complex Emergencies* (Cambridge: Polity Press, 2008); JARDINE, Eric. "Strategy and Symbiosis: The Role of Time during Counterinsurgency", *Strategic Datalink*, no. 14 (December 2009), p. 1-6.
18. TRINQUIER, p. 42.
19. Citado em ELLIOTT, David W. *The Vietnamese War: Revolution and Social Change in the Mekong Delta, 1930-1975* (London: East Gate Books, 2007), p. 129-30.
20. HEATHERINGTON, Simon in JONES, Seth G. *In the Graveyard of Empires: America's War in Afghanistan* (New York: W.W. Norton, 2009), p. 316.
21. Funcionário anônimo da Canadian International Development Agency in JONES, *In the Graveyard of Empires: America's War in Afghanistan*, p. 188.
22. KALYVAS, Stathis. "The Urban Bias in Research on Civil Wars", *Security Studies* 13, no. 2 (2004), p. 160-90.
23. LOYD, Anthony. *My War Gone By, I Miss It So* (New York: Penguin, 2001), p. 179, in KALYVAS. "The Urban Bias in Research on Civil Wars", p. 164.
24. HART, Kim. "Quitting Kabul: The U.S. Media Presence in Afghanistan Continues to Dwindle", *American Journalism Review* (Feb./Mar. 2005): p. 1-3.
25. The U.S. Army/Marine Corps Counterinsurgency Field Manual (Chicago: University of Chicago Press, 2007), p. 5.
26. JONES, p. 239.
27. Trechos da análise a seguir também constam de JARDINE, Eric. "The Insurgent's Response to the Defense of Cities", *Parameters* 40, no. 3 (Autumn 2010), p. 103-17.
28. GALULA, p. 3; TABER, Robert. *War of the Flea: The Classic Study of Guerrilla Warfare* (Washington: Potomac Books, 2002), p. 11.
29. O Iraque representa uma exceção óbvia a essa tendência, porque mais de 60% da população do país reside nas cidades. Independentemente disso, a relativa facilidade com a qual a insurgência iraquiana foi suprimida pela chegada de novas tropas durante a chamada "escalada" demonstra, mais uma vez, que as insurgências urbanas são bastante vulneráveis às ações de uma contrainsurgência.
30. A estimativa foi extraída de *CIA World Fact Book*, disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>>.
31. TSÉ-TUNG, Mao. *On Protracted War* (Honolulu: University of the Pacific Press, 2001), p. 50.
32. FEARON, James D.; LAITIN, David. "Ethnicity, Insurgency, and Civil War", *The American Political Science Review* 97, no. 1 (Feb. 2003), p. 75-90; uma demonstração qualitativa do mesmo argumento consta de O'NEILL, Bard E. *Insurgency and Terrorism: Inside Modern Revolutionary Warfare* (Dulles: Brassey's Inc., 1990), p. 54.
33. TSÉ-TUNG, Mao, p. 98.
34. LAWRENCE, p. 198.
35. ELLIOT, p. 54.
36. JALALI, Ali Ahmad; GRAU, Lester W. *Afghan Guerrilla Warfare: In the Words of the Mujahideen Fighters* (Minneapolis: Zenith Press, 2001), p. 125.
37. YOUSAF, Mohammad; ADKIN, Mark. *The Bear Trap: Afghanistan's Untold Story*, disponível em: <<http://www.combatreform.org>>, p. 39.
38. Cap LABIGNETTE, "The Communist Insurrection in Greece", in CHALIAND, p. 264.
39. YOUSAF; ADKIN, p. 45.
40. JALALI; GRAU, p. 147.
41. *The Russian General Staff. The Soviet Afghan War: How a Superpower Fought and Lost*, trad. Lester W. Grau e Michael A. Gress (Lawrence, Kansas: University Press of Kansas, 2002), p. 65.
42. YOUSAF, Mohammad in POOLE, H. John. *Tactics of the Crescent Moon: Militant Muslim Combat Methods* (Emerald Isle: Posterity Press, 2004), p. 92-93.
43. Ibid.
44. MCGIRK, Tim. "Taliban Stepping Up Attacks on NATO Supply Convoys", *Time*, 7 Oct. 2009, p. 1.
45. MASOOD, Salman. "Bridge Attack Halts NATO Supplies to Afghanistan", *New York Times*, 4 Feb. 2009, p. 1.
46. GRAHAM, Hugh. "City of Kandahar is Key that Unlocks Afghanistan", *Toronto Star*, 18 Jun. 2008, p. 1.